

Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia
Volume 13, mai.-ago. de 2007 – ISSN 1678 6408

O caso das rezadeiras evangélicas: uma breve reflexão sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta (RN)

Por Francimário Vito dos Santos*

Resumo:

O presente artigo aborda as práticas das rezadeiras a partir de uma perspectiva antropológica, cuja atenção estará voltada para a compreensão desta prática como um processo dinâmico, tendo Cruzeta (Seridó, RN) como contexto de pesquisa etnográfica. Para a realização da pesquisa, contei com a colaboração de vinte e quatro rezadeiras. Dentre elas, duas eram “rezadeiras evangélicas”. As semelhanças existentes entre as rezadeiras eram visíveis, sobretudo em relação ao processo de aprendizagem e ao uso de certos objetos e técnicas rituais. No entanto, as diferenças existentes possibilitaram a realização de uma reflexão acerca da própria heterogeneidade do universo de especialistas. Além disso, tentei captar a relação das rezadeiras com as práticas terapêuticas dos profissionais da biomedicina e as práticas religiosas do padre e do pastor evangélico.

Palavras-chave:

rezadeiras – trânsitos religiosos – práticas terapêuticas – Seridó (RN)

Introdução

A discussão acerca da pluralidade de crenças se deu porque, durante o trabalho de campo, observei a existência de rezadeiras informantes que comungavam de religiões aparentemente contrárias à religião católica, ou seja, rezadeiras evangélicas que se afirmavam também com sendo católicas e uma rezadeira adepta do culto da jurema que também se dizia ser adepta da religião católica. Diante deste

* Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS – UFRN. Desde a graduação realiza pesquisas relacionadas com o tema das rezadeiras.

quadro, Sanchis¹ foi enfático ao dizer: “As religiões dos brasileiros diferem e, em alguns casos, opõem-se profundamente. No entanto, não formam blocos estanques: existem pontes, relações e transferências de sentido”. Essa idéia que o autor coloca dá uma breve concepção do que seja essa pluralidade de crenças que pretendo discorrer ao longo do artigo.

Antes de aprofundar essa problemática, exponho o que seria uma rezadeira. As rezadeiras ou benzedoras são mulheres que realizam benzeduras. Para executar essa prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam pela sua ajuda. Para compor o ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos: ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha, pano e rezas. Estas são executadas na presença do cliente ou à distância. Neste caso, pode ser usada uma fotografia, uma peça de vestuário, ou pode apenas rezar pela intenção de alguém que se encontra distante. Essas mulheres rezam os males de pessoas, animais ou objetos, sem que, para isso, seja necessário o deslocamento dos mesmos até ela. Basta que alguém diga os seus nomes e onde moram. De acordo com Cascudo², as rezadeiras são mulheres, geralmente idosas, que têm poderes de curar por meio de benzimento. As rezadeiras são especialistas em quebranto, mau-olhado, vento caído, e enquanto rezam em cruces sobre a cabeça do doente com pequenos ramos verdes, estes vão murchando por adquirir o “espírito” da doença que fazia mal.

Portanto, a seguir abordarei a comunhão de crenças religiosas e as práticas de saúde que estão presentes entre estas mulheres que realizam curas através das rezas, no contexto de Cruzeta (RN). Resolvi seguir através deste viés depois de

¹ SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: _____. (Org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 10.

² CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10 ed. São Paulo: Global Editora. 2001. p. 587.

observar a presença de diversas práticas e concepções religiosas que coexistem na prática da benção. Em princípio, do ponto de vista das doutrinas e dos campos de significados envolvidos, seria um caso incompatível. Mas como bem enfatiza Sanchis³, essas diferenças são efetivamente vividas sob formas de indecisão, cruzamento, porosidade, pertença dupla, trânsito, contaminação mútua e/ou empréstimos reciprocamente criativos. No momento em que um determinado indivíduo “aceita Jesus”, ou seja, se torna crente, as práticas religiosas consideradas “não oficiais” passam a ter sentido de pecado, coisas do diabo etc. Crente é o nome do pentecostal, é a palavra de toda a hora em sua boca e temos visto que equivale aos melhores adjetivos da religião: ‘entregue para Cristo’, ‘salvo’, ‘eleito’, ‘santo’⁴. Em Cruzeta, a população, para se referir a um adepto evangélico trata-o por **crente**. Isso não foi, porém, o que aconteceu com uma das rezadeiras evangélicas. Ao mesmo tempo, em que ela freqüentava uma determinada igreja pentecostal, ela não concordava com a forma de tratamento destinado aos santos católicos e à Nossa Senhora pelos crentes. Continua, mesmo assim, rezando as pessoas.

A questão da indecisão e indefinição era muito presente no discurso das rezadeiras que comungavam de religiões, a princípio, incompatíveis com suas práticas. Por exemplo, dona Rita, que recebia caboclo, afirmou que no início, quando começou a **fazer trabalhos** se sentia culpada. No entanto, disse ter sido autorizada por Frei Damião a continuar realizando tais obrigações. Situação semelhante observei na conversa com a rezadeira evangélica. Ela relatou que não concordava com a forma como os crentes se referiam às imagens dos santos. Disse ela: “Meu filho eu não gosto de um lado da lei evangélica porque alguns desfazem dos santos” (Informação verbal, dona Gilda, abril/2006).

³ SANCHIS, 2001, p. 23.

⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 264.

Então, diante desses casos observados durante o trabalho de campo, procuro expor como se processam esses “trânsitos” que tanto perpassam as crenças religiosas, quanto as práticas médicas oficiais. Na verdade, o objetivo desta reflexão é entender como opera a relação entre rezadeira e a igreja católica, a rezadeira e a lei evangélica, e também a rezadeira e os profissionais de saúde. Para aprofundar as análises, recorri ao material etnográfico, ou seja, busquei refletir sobre os fatos observados em campo. Neste caso a etnografia teve, portanto, caráter muito especial. Foi, em certos momentos, bastante localizada tendo sido realizada nas residências das rezadeiras, sobretudo nas salas e quartos, locais da casa que denominei de “espaços terapêutico-religiosos”. Em resumo, os métodos para a pesquisa foram: a) observação participante; b) entrevistas em profundidade. Para uma melhor compreensão da leitura, optei por grifar os termos referentes e falados pelas rezadeiras em negrito. Optei também em usar o termo “evangélica” ao invés de “crente” ou “protestante”, por ser desta forma que as rezadeiras se referem às denominações pentecostais.

1. Os elos de mediação: a circularidade nas transmissões dos saberes e crenças

Os adornos, imagens de santos populares, altares, bonecas pretas, a bíblia sagrada, rosários, flores de plásticos, velas brancas, peças de roupas para serem rezadas, ramos de pinhão roxo, televisão, entre outros, estavam dispostos abertamente e conviviam lado a lado nas residências ou nos “espaços terapêutico-religiosos” das rezadeiras. Esses objetos religiosos ou não, dão pistas para analisar a facilidade que estas mulheres têm em transitar por crenças religiosas diversas.

Em sua residência, a rezadeira dona Rita, mantém na sala uma **mesa de trabalhos** onde expõe algumas imagens e enfeites em homenagens aos santos de sua devoção e aos guias. Nas paredes e móveis, percebe-se uma enorme quantidade de imagens de santos (quadros) e no altar pode-se constatar a existência de uma imagem

de Nossa Senhora Aparecida protegida por um plástico por causa da poeira, uma imagem pequena de Santo Antônio, uma outra Nossa Senhora, alguns jarros com flores vermelhas e um recipiente de vidro com galhos de plantas em homenagem aos seus guias.

Na casa de dona Hosana, havia muitos quadros com imagens de santos. Em outro espaço da sala ela mantinha um altar com vários enfeites, sobretudo rosas coloridas, naturais e artificiais e mini-garrafas de refrigerantes com galhos de plantas. No centro deste “santuário” estavam as imagens de Padre Cícero e de Frei Damião. Em frente de cada imagem havia dois pratos, um contendo duas velas apagadas e o outro apenas com resíduo de velas já usadas. Pelo que observei, esta rezadeira costumava pedir aos clientes que trouxesse velas para acender aos santos. Em volta deste altar, na parede e sobre uma cadeira, havia sacolas contendo peças de vestuários que os clientes trazem para serem rezadas.

De acordo com Araújo⁵, o fato de ser rezadeira, curandeira, pai-de-santo etc., não impede que a pessoa procure a religião católica para confessar-se e comungar. A idéia deste autor faz sentido, pois tanto as rezadeiras evangélicas quanto a rezadeira que recebia entidades de “caboclos” se denominavam católicas. No caso da rezadeira adepta do culto da jurema, ela se justificou dizendo que se confessou com frei Damião, durante suas missões⁶. Na ocasião, ele disse o seguinte para ela: “Minha filha cumpra o dom que Deus lhe deu. Agora só não queira fazer o mal ao próximo” (Informação verbal, dona Rita). A rezadeira conta este fato como prova cabal de ter sido autorizada por um **santo** a realizar seus trabalhos de curas. O ato de confessar com este **santo do povo** tirou de seus ombros uma culpa e acusação, tal como a feitiçaria, de estar realizando uma prática ilícita e moralmente desqualificada pela Igreja Católica. Medeiros ressalta que este conflito, no âmbito rural, onde a

⁵ ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina rústica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 88.

⁶ “As missões de Frei Damião” era uma semana de evangelização que este frei realizava na cidade. Durante este período aconteciam várias atividades religiosas, tais como missas campais (fora da igreja), confissões individuais, pregações matinais, entre outras.

hegemonia do catolicismo ainda é freqüente, muitas pessoas atingidas por esse mal sentem e, às vezes, desenvolvem sentimentos de culpas⁷. Acredito que não seria bem uma espécie de culpa que atormentava o dia a dia desta rezadeira, mas a pressão e as cobranças impostas pelas pessoas consideradas católicas que conviviam com ela. Dona Rita contou com entusiasmo o fato de ter sido este **santo milagroso**, o responsável pela confissão do seu casamento. Há nos discursos das rezadeiras, que são devotas de Frei Damião uma relação de proximidade latente e também de confiança. De um lado, por elas terem assistido às missas celebradas por ele e, por outro, de terem conseguido a oportunidade de confessar-se e receber suas orientações. Ouvi de uma rezadeira a seguinte observação: “Frei Damião viveu entre nós. Eu vi e falei pessoalmente com ele”. Na verdade, ela referia-se às **missões** evangelizadoras que este frei realizava não apenas em Cruzeta, mas no interior de todo o Nordeste. Neste sentido, apesar da sua imagem estar entre os santos que compõem os espaços terapêutico-religiosos das rezadeiras, percebe-se que ele possui um status diferenciado. Nas casas das rezadeiras, pude ver fotografias, quadros e imagens em gesso que retratavam a figura deste “santo do povo”. Em algumas casas, encontrei imagens de Frei Damião em altares enfeitados com flores artificiais e fitas coloridas, nas paredes das salas, nas estantes, até sobre a geladeira.

Com relação às representações de cura no catolicismo popular, Minayo mostra que, mesmo a igreja oficial não aceitando suas práticas, “ela trata com uma atitude de respeito, de prudência, de receio, na tentativa de capitalizar o fenômeno para evangelizar”⁸. O que a autora discute pode ser percebido claramente no discurso mais institucional da Igreja Católica, representado aqui pelo padre de Cruzeta:

⁷ MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de. Dona Rosinha do Massapé: a cura espiritual pelo toré. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EUERJ, 2001. p. 108.

⁸ MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Representações da cura no catolicismo popular. In: _____; ALVES, Paulo César.(Org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. p. 64.

Que existe rezadeira aqui eu sei, porque nós estamos fazendo um trabalho das Missões Populares e dentro deste há entrevistas em determinadas áreas da sociedade. Foram feitas entrevistas com benzedoras famosas e tudo isso está num relatório (Informação verbal, Padre Amaurilo, maio/2006).

Na verdade, são estratégias que permitem aos representantes da igreja conhecer de perto para evangelizar. É um dispositivo de controle para manter sob vigilância as práticas religiosas ditas não oficiais ou clandestinas, entre elas a prática das rezadeiras, mas que estão associadas direta ou transversalmente ao catolicismo. Este controle se apresenta em todos os aspectos e searas onde a religião católica atua⁹. E continuando sobre o que achava da prática de cura realizada pelas rezadeiras o padre teceu o seguinte comentário:

Eu penso assim.... não posso fugir às regras da igreja. Eu sou favorável àquilo que não prejudique a ninguém. Desde que seja uma coisa que propicie o bem ao outro, que não vá de encontro à fé cristã. Mas, a questão das benzedoras eu não vejo que possa ferir, desde que não parta para um curandeirismo barato e, que no caso das rezadeiras não é (Informação verbal, Padre Amaurilo, maio/2006).

Veja que no discurso, o agente da igreja tende a privilegiar apenas aquelas rezadeiras que se dizem católicas, mas sabe-se que nessa prática não há como separar elementos apenas da religiosidade católica, já que se trata de uma prática sócio-cultural que envolve cotidiano e multiplicidade de crenças. Isso é bem o que Sanchis aponta: “o cristianismo no Brasil tornou-se plural”¹⁰. E entre as rezadeiras não poderia ser diferente. Esta pluralidade de crenças está presente no cotidiano, seja nos objetos sagrados religiosos, nas rezas, nas crenças e nas visões de mundo.

Estas mulheres conseguem organizar no seu cotidiano experiencial elementos que, por um lado, estão ligados à religião católica e, por outro, remetem às correntes evangélicas e às afro-brasileiras. Há, na verdade, uma fronteira tênue entre

⁹ Cito como exemplo, a realização de cerimônias matrimoniais coletivas que aconteceram em dezembro de 2006. E, foi a partir do Projeto Santas Missões, que foram mapeados os casais que não eram “casados na igreja”.

¹⁰ SANCHIS, 2001, p. 11.

estes trânsitos de crenças religiosas, inclusive estas mediações vão além das imagens, o próprio linguajar diz muito sobre essa comunhão de crenças. Por exemplo, o uso de termos e palavras como **carregado**, **caboclos brabos**, **vultos brancos**, **descarregos**, **encostos** etc. No caso de dona Gilda, rezadeira evangélica, a televisão é o meio de comunicação pelo qual ela assiste ao programa transmitido pela IIGD¹¹, chamado “Show da Fé”. Todos os dias à tarde, ela costuma assistir às pregações proferidas pelo pastor. Afirmou também que preferia assistir as pregações pela televisão, ao invés de ir para a igreja. O interessante neste caso, é que ao lado da televisão encontrava-se uma bíblia sagrada aberta no salmo vinte e três¹². E nesta lógica da mediação, o aparelho de televisão, durante a transmissão dos cultos, possibilitava uma prática religiosa, mesmo se temporariamente e não definida em termos de uma frequência assídua ao espaço da igreja.

Ao chegar à casa desta rezadeira já se percebe uma diferença básica entre esta e as demais. Não vi nenhuma imagem de santo nas paredes ou sobre os móveis. Seria esse o primeiro sinal da moral evangélica na vida de dona Gilda? No entanto, ao conversarmos, percebi que a fé nos santos católicos estava calcada em suas ações e concepções, nem tanto nas imagens. Pode-se pensar, sobretudo, na sua contrariedade de cortar os laços e a crença religiosa com alguns santos e figuras católicas, como Frei Damião e Nossa Senhora. Isso fica claro quando enfatiza que teme um castigo por ousar desqualificá-los. Prefere permanecer às margens existentes entre os evangélicos e os católicos. Ou seja, as experiências vividas no catolicismo popular foram tão intensas que dona Gilda não conseguiu se desvencilhar dele para “renascer em Cristo” como costumam falar os fiéis que se convertem à lei evangélica.

¹¹ Igreja Internacional da Graça de Deus.

¹² “O senhor é meu pastor e nada me faltará...”. Havia também na parede da sala, sobre a porta que acesso aos outros cômodos, um quadro com os dizeres deste salmo.

As discussões teóricas de Bakhtin¹³ a respeito da dinâmica da cultura popular através da obra de Rabelais, são pertinentes neste momento porque mostram como os intercâmbios culturais aconteciam na Idade Média. Elas lançam luzes para compreender os significados desses “trânsitos religiosos” percebidos na prática da benção em Cruzeta¹⁴. Embora os fluxos entre as crenças religiosas sejam mais evidentes, há também as trocas de informações que se orientam em mãos duplas, que seria o caso da relação entre as rezadeiras e os profissionais de saúde. Para tanto, o entendimento do conceito de circularidade, estabelecido por este autor é interessante, porque ajuda a entender a dinâmica dos intercâmbios culturais entre as religiões, as rezadeiras e a biomedicina.

As interações culturais entre as elites e as camadas médias e baixas não aconteciam apenas de cima para baixo. Para o autor supracitado, esta dinâmica seguia um processo que denominou de “circularidade”. Pode-se pensar nos festejos públicos, tal como o carnaval, que reunia tanto o povo quanto a elite eclesiástica, um momento que permitia intercâmbios de informações e elementos culturais.

Este processo de transmissão cultural em espiral abole a idéia de que apenas as elites são formadoras de opiniões e os que fazem parte da cultura popular só absorvem. Ginzburg¹⁵, ao discutir a relação do moleiro Menocchio com as elites eclesiásticas, sinaliza sua proximidade com a análise elaborada por Bakhtin: “É possível resumir no termo ‘circularidade’: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”.

Isso não quer dizer que haja um nivelamento entre as duas classes que são hierarquicamente diferentes: “temos, por um lado, dicotomia cultural, mas, por

¹³ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 1-50.

¹⁴ E que envolvem valores da religião católica oficial, da lei evangélica e o culto da jurema.

¹⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 13.

outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica”¹⁶. Estas discussões servem de fio condutor para uma maior compreensão da dinâmica cultural existente entre as múltiplas crenças das rezadeiras e as instituições religiosas e médicas, ditas oficiais.

Barth¹⁷, por sua vez, contribui para esta discussão mostrando como a tradição do conhecimento é transmitida diretamente pelo guru ou pelo iniciador ao grupo em que eles atuam. Enquanto o mérito do guru reside em repassar seus ensinamentos de modo que todos aprendam, portanto um conhecimento acessível e didático, o iniciador, por sua vez, tenta ocultar de seu público, verdades essenciais. Ou seja, enquanto a tradição do conhecimento do guru prioriza a disseminação do saber, a tradição do iniciador está pautada em uma atmosfera de mistério. Na verdade são duas tradições com lógicas diferentes, porém que se encarregam de transmitir conhecimentos.

Trazendo essa discussão para o campo empírico das rezadeiras, pode-se pensar a transmissão do conhecimento através de duas perspectivas. Entre as rezadeiras existem aquelas que, diante do repasse de seus conhecimentos, se comportam tal qual o iniciador, atribuindo os poderes de suas rezas ao segredo, ao mistério e, conseqüentemente, fazendo controle desse saber aos demais do grupo. Por seu turno, outras não fazem restrições quanto ao ensinamento desse conhecimento a outras pessoas, neste caso, aproximam-se do tipo de tradição inerente ao guru. Repare que, no caso do iniciador a ênfase do seu conhecimento reside no segredo e, conseqüentemente, na força da tradição. É evidente que o iniciador também prepara seus iniciados. Contudo, “sua tarefa é pôr em ação esse conhecimento de modo a fazer com que os noviços sejam afetados por sua força, e não simplesmente explicá-los a eles”¹⁸. Na verdade, como bem enfatiza este autor, o

¹⁶ GINZBURG, 1995, p. 21.

¹⁷ BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 141-165.

¹⁸ BARTH, 2000, p. 146.

iniciador consegue evocar uma sutil experiência de mistério e construir uma tradição de conhecimento complexa e dinâmica. O interessante dessa idéia é porque remete à transmissão do conhecimento via ritual, crucial para a manutenção do prestígio do iniciador. A aprendizagem dos iniciantes através de um processo ritual permite que estes reelaborem os conhecimentos adquiridos a partir de suas próprias experiências. Portanto, como enfatiza Barth¹⁹, espera-se dos iniciantes que sejam transformados pelos ritos em si, e não pelo que lhes foi transmitido do conteúdo do rito.

2. O dilema da rezadeira evangélica: “eu sou católica, mas sou chegada à evangélica”

A questão do pertencer ou não à religião católica, foi percebida através de dois aspectos. Em primeiro lugar, todas as rezadeiras, ao serem indagadas, se identificavam como católica, à exceção da rezadeira evangélica. Por outro lado, um número muito pequeno dizia freqüentar de fato as missas, as novenas, se confessar ao padre etc. Portanto, elas participavam minimamente das atividades desenvolvidas pela Igreja Católica. De acordo com dona Giselda o ambiente dessa igreja não lhe oferecia o conforto espiritual necessário para que se sentisse à vontade.

Um dia desse e fui à igreja católica, me sentei, e quando me ajoelhei começou a me dar uma dor. Eu disse: Virgem Maria! Eu vou sair daqui! Era uma dor atravessada! Você imagine, numa igreja que eu fui rezar e me dá uma dor! Eu saí me benzendo. E me considero católica, mas tô assim com essa religião minha mesmo. É o que eu quero. (Informação verbal, novembro/2006).

Quando a rezadeira fala **essa religião minha**, não é no sentido de criar uma determinada religião e arrebanhar fiéis. Na verdade, é ter a flexibilidade de transitar

¹⁹ BARTH, 2000, p. 147.

por religiosidades e crenças diferentes, no caso dela entre a religião católica e a evangélica. Sobre esta postura, Sanchis²⁰ dá a seguinte explicação:

O campo religioso é, cada vez mais, o campo das religiões, pois o homem religioso, na ânsia de compor um universo para si, sem dúvida cheio de sentido, mas de sentido-para-si, subjetivo, tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhe propõem dos elementos de sua própria experiência.

Ainda sobre esta liberdade de transitar por religiões distintas, Birman²¹ afirma que, o indivíduo contemporâneo deteria um poder maior de escolha, portanto, ganharia a liberdade de transgredir dogmas, ultrapassar fronteiras, desobedecer ortodoxias e sobretudo desrespeitar a unidade doutrinária que estas divisórias buscam defender.

Fica evidente por parte de dona Giselda a obrigação de freqüentar a igreja por uma questão moral e de princípios, porém não de prazer.

Eu vou lá rezo uma Ave-maria e um Pai-nosso e sai toda desmantelada [ela quis dizer que erra as orações]. Uma coisa me atrapalhando. Agora, que eu sempre vou à igreja porque mamãe [já falecida] me aparece pedindo para eu ir lá. Deus me perdoe, por caridade! Eu já deixei de ir até às missas dos velhos, quando chego lá fico doente. Você já pensou? A pessoa vai para uma igreja católica e faz é adoecer? (Informação verbal, novembro/2006. Grifo do pesquisador).

O discurso dessa rezadeira é semelhante ao de dona Rita, ambas enfatizam queixar-se de algum problema de saúde, com nítida referência corporal. Ressaltando que esta última não é simpatizante da lei evangélica, e sim do culto da jurema.

Eu vou à missa, mas já faz um bocado de dia que não vou. Um tempo desse eu fui... de lá pra cá não fui mais. Eu vivo doente, chego nos cantos não posso ficar em pé... as minhas pernas doem demais...

²⁰ SANCHIS, 2001, p. 36 (Grifo do autor).

²¹ BIRMAN, Patrícia. Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EUERJ, 2001. p. 61.

Quando eu chego na igreja tá tudo cheio [não há local para sentar]. Eu rezo aqui mesmo com os santos da minha casa [as imagens espalhadas pelas paredes de sua casa] (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

“Eu rezo aqui mesmo com os santos da minha casa”. Esta frase é emblemática, sobretudo porque enfatiza bem o papel de mediação inerente aos santos católicos. Pois, de tanto conviver cotidianamente com seus santos, dona Rita acredita que tanto fazia ir à missa, como simplesmente rezar fazendo preces aos santos espalhados pela sua casa. Afinal, muitas dessas imagens também estão dispostas no interior da igreja.

A experiência de lidar com os aspectos religiosos permite, como bem colocou dona Giselda, ter a liberdade de escolher e fazer o que quiser, no que diz respeito às suas crenças. “Eu vou naquilo que simpatizo e me dá vontade” (Informação verbal, novembro/2006). Além desse status de poder participar das reuniões da religião católica sem a obrigação imposta pela instituição. Outro fato imprescindível estava presente em seu discurso: “Sempre vou à igreja evangélica, eu gosto de ouvir o evangelho. Onde tiver o crente, sendo para ouvir evangelho, a palavra de Deus, eu vou” (Informação verbal, novembro/2006). Isso lembrou-me de uma passagem que a neta desta rezadeira falou quando cheguei à sua casa: “Aqui tem mais santos do que na igreja católica!” (Informação verbal, novembro/2006)²². Não sei se chegava a tanto, mas o fato é que havia muitas imagens de santos, em quadros e em vultos²³. Logo que cheguei para conversar com dona Giselda, ela conduziu-me até o quarto e mostrou-me várias imagens de santos, a maioria tinha sido herdada de sua mãe. Para cada santo, dona Giselda tinha uma história para contar. À medida que falava os nomes das imagens dos santos, ela lembrava de um fato marcante. Ao ver a imagem de santo Onofre, ela lembrou do filho. Neste sentido, as imagens criam uma espécie de mediação entre os entes queridos.

²² Essa neta de dona Giselda, atualmente é crente da Igreja Cristã Evangélica.

²³ Geralmente, os santos em formas de esculturas são denominados de vultos.

Frei Damião, Nossa Senhora dos Desterros, Coração de Jesus e de Maria, Padre Cícero, São Geraldo. Meu filho é louco por este santo [Santo Onofre], ele faz muitos votos a ele. São Benedito, Nossa Senhora das Dores, São Roque, São João Batista. Nossa Senhora dos Impossíveis, José [seu filho] trouxe para mim da festa de Acari (Informação verbal, novembro/2006. Grifo do pesquisador).

Ao contrário de alguns ex-católicos que destroem os santos ou passam a desqualificá-los, sua neta evangélica pareceu-me compreensiva quanto à convivência com a prática da reza e às devoções aos santos que sua avó depositava nas imagens. Chegou, inclusive, a afirmar que tinha prazer de cuidá-los. Quando perguntada sobre o que achava de sua avó ser rezadeira, a neta evidenciou a sua opção religiosa, mas reconheceu que a prática das rezadeiras tinha um valor cultural: “Não me atinge. Eu sou evangélica, tenho as minhas crenças, mas respeito a opinião dela. Olhando pelo lado cultural acho interessante. Agora pelo lado espiritual, não me deixo influenciar” (Informação verbal, novembro/2006).

Embora a influência de sua neta evangélica contribuísse para que dona Giselda passasse a simpatizar-se pela lei evangélica, a postura moral dos católicos durante às missas era um fator que decepcionava a rezadeira.

Um dia desse eu disse lá na igreja católica: olhe, eu sou religiosa, mas eu gosto de ir à igreja dos crentes, porque ninguém ver crítica como essa igreja daqui. Só se ver aquele povo que fica nas portas da igreja observando como as pessoas estão vestidas. Só não sou crente, como se diz *diplomada*, mas eu gosto dos crentes porque eles têm educação. Ninguém ver na igreja de crente esse *qui qui* [chacota], essa sem vergonhice (Informação verbal, novembro/2006. Grifo do pesquisador).

Assim, como esta rezadeira, Dona Gilda afirmou que sua simpatia pelo **lado evangélico**, se concretizou também por não concordar com os modos dos católicos vestirem-se e comportarem-se no interior da igreja.

Na igreja católica [os fiéis] visa mais a pessoa andar muito lorde [bem arrumados]... e olhar para roupas, para o calçado. Lá [evangélica] não. É por isso que eu gosto mais da evangélica. A gente vai simples e

ninguém fica reparando (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Não era esta a opinião que a rezadeira dona Santa tinha a respeito dos evangélicos. Cito como exemplo, o comentário que ela fez, enfatizando o modo de vestir-se dos crentes: **engravatados**. Ou seja, para ela são os crentes quem andam bem arrumados, de terno e gravata. Essa questão que envolve o cuidado com o corpo e a aparência com base no vestuário foi muito bem observada por Rabelo e Mota entre as mulheres protestantes: “[...] a aparência precisa refletir o estado de pureza interior. Entre as mulheres há uma preocupação clara com a beleza, visível no arrumar dos cabelos e na escolhas das roupas, principalmente aquelas usadas para cultos importantes e dias de festas na igreja”²⁴.

No caso de dona Gilda, o fato de não ser **evangélica legítima**, termo enfatizado por ela, foi porque os crentes desfazem de Frei Damião e dos santos. “Eu não gosto, porque temo um castigo” (Informação verbal, abril/2006). Está evidente nesta fala a posição de fronteira assumida pela rezadeira. Não ser “evangélica legítima” permite a ela, ao mesmo tempo, partilhar de alguns dogmas do pentecostalismo e também continuar rezando nas pessoas. A rezadeira questionou ainda a pouca importância de Nossa Senhora para os evangélicos, que falam de Jesus como se ele tivesse sido encontrado, nascido sem mãe. Um outro fato curioso que percebi durante as conversas com dona Gilda foi com relação às reuniões presididas pelo pastor Marcos. Segundo ela, este líder religioso demonstrava-se amigável ao padre de Cruzeta e isso fez com que a rezadeira se identificasse. Ao final do culto, o pastor rezava um Pai-nosso e oferecia ao padre. Em conversa que tive com o líder católico, confirmei que havia realmente uma relação amistosa entre ele e o pastor, sobretudo quando o padre afirmou que costumava visitá-lo em sua residência.

²⁴ RABELO, Miriam C. M; MOTA, Sueli Ribeiro. O senhor me usa tanto: experiência religiosa e a construção do corpo feminino no pentecostalismo. In: GROSSI, M. Pilar; SCHWADE, Elisete. (Org.). *Política e cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Florianópolis: ABA/Nova Letra, 2006. p. 07.

Porém, conseguia separar a amizade dos votos religiosos que cada um tinha que seguir.

Procurei saber se havia alguém na família dessa rezadeira que era convertido ao pentecostalismo. Sobre este tipo de motivação dentro do seio familiar, Van Den Berg²⁵ afirma que a influência de um filho(a) nessa conversão é também marcada por fazer de seus adeptos militantes religiosos dentro do próprio lar.

A fronteira que separa uma religião de outra é tênue. Acontece intercâmbio com mais frequência do que se imagina. A exemplo disso, Brandão²⁶ relata o caso de um presbítero que, desengano da medicina, procurou um curandeiro:

O presbítero de uma das seitas, conhecido dos Prados à Vila Isaura pelo seu poder de cura e “dom da palavra”, teria chamado em casa “um índio curandeiro de Jacutinga”, quando descobriu que estava enfermo e que nem os recursos da medicina nem os da fé estavam dando resultado.

Na realidade, o que torna interessante a prática das rezadeiras evangélicas é que elas se situam numa zona de fronteira, cuja demais não têm domínio. Esse caráter ambíguo faz com que elas mantenham suas crenças aos santos, continuem rezando e também participando dos cultos evangélicos, seja indo às igrejas pentecostais ou assistindo aos programas através da televisão. No entanto, pude averiguar que alguns crentes não aceitam o fato de uma rezadeira ser evangélica. A crente com quem conversei falou que antes de ter “aceitado Jesus” estava se preparando para ser freira, mas decepcionou-se com a rotina do convento. Após assistir um culto evangélico decidiu mudar de religião. Evangélica da Assembléia de Deus por quase trinta anos, essa “irmã” criticou o fato de uma rezadeira se considerar evangélica e a amizade existente entre esse pastor e o padre. Para ela:

²⁵ VAN DEN BERG, Irene de Araújo. *Louvar, orar e converter: estudo etnográfico sobre um grupo carismático e seus adeptos*. 2000. 78f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000. p. 67.

²⁶ BRANDÃO, 1980, p. 281.

A rezadeira que se diz evangélica deve ser novata na igreja e não deve saber nada. E não deve frequentar os estudos bíblicos. Essa igreja dela é muito liberal. Até o pastor é amigo do padre [...] Eu tenho certeza que as igrejas evangélicas não admitem esse tipo de coisa. Uma rezadeira ser evangélica? (Informação verbal, evangélica da Assembléia de Deus, junho/2006).

Na verdade, a expressão de indignação contida nas falas dessa informante evangélica foi semelhante ao que aconteceu com a atitude dos fiéis do presbítero anteriormente citado. Eles não aceitaram o fato de seu líder procurar os serviços de um curandeiro, pois ele mesmo, em seus sermões, inferiorizava e denominava as práticas de curas como não sendo “coisas de Jesus”. “Pra mim toda rezadeira tem um negócio de catimbozeiro” (informação verbal, junho/2006). O que se percebe é uma árdua tentativa de discriminar a prática das rezadeiras. Como afirma Loyola²⁷:

Os protestantes acusam os pais e mães-de-santo de feiticeiros e denunciam suas práticas como ‘impuras e culposas’, devido ao uso ritual do tabaco, do álcool e de formas de expressão corporal sensuais ou sexualmente ambíguas, associando, assim ao diabo, o símbolo do mal. Embora não se evidencie neste estudo a dinâmica das regiões afro, por outro lado, não posso deixar de perceber que algumas pessoas, incluindo esta crente, costumam se reportar às práticas das rezadeiras como sendo uma prática de feitiçaria.

Além de desqualificar, chamando-as de catimbozeiras, a informante crente enaltece a prática da biomedicina quando questiona a eficácia das rezas ressaltando o conhecimento científico que os médicos detêm: “Como é que a rezadeira vai saber que a pessoa está com **arca caída**, se nem o médico sabe?” (Informação verbal, junho/2006). Obviamente, que esta informante não entende a prática das rezadeiras como uma lógica terapêutica diferente da lógica dos médicos. Todo esse discurso era para enfatizar que as pessoas não deviam estimular a prática das rezadeiras. No entanto, falou que a sua irmã levava os filhos para uma rezadeira curá-los e que seu pai falava da existência das pessoas que tinham o **olhar mal**:

²⁷ LOYOLA, Maria Andréa. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984. p. 74. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).

Se alguém estivesse mordido de cobra e uma dessas pessoas chegassem.... o doente se sentia mal e, caso não cuidasse ele morreria. Mulheres de resguardo também não podiam ser vistas por este tipo de pessoa. Mas, isso era involuntário (Informação verbal, evangélica da Assembléia de Deus, junho/2006).

A comunidade de crença da qual comungam essas rezadeiras, ao mesmo tempo evangélicas e católicas, permite a elas construir uma visão de mundo diferente e complexa, pois conseguem reelaborar suas práticas a partir de elementos e fragmentos religiosos visivelmente contrários. Esses trânsitos religiosos possibilitam a estas rezadeiras atingir uma esfera que as outras não conseguem. Talvez elas não sejam conhecidas por suas rezas, mas, com certeza, elas são diferentes por apresentar essas características específicas.

Considerações Finais

Era recorrente, nas diversas leituras que realizei, a ênfase dada à religião destas mulheres, sobretudo que elas eram católicas, sua origem rural e os tipos de doenças que curavam. Alguns autores, embora chegassem a abordar o processo de iniciação, não aprofundavam como isso acontecia. Aqueles que abordavam a prática em um contexto urbano não mostravam como era a relação dessas agentes com outras denominações religiosas, por exemplo, o pentecostalismo, a prática e o saber médico. Acredito que este trabalho traz algumas reflexões pertinentes para pensar as relações, as mediações e os conflitos existentes entre as rezadeiras, os médicos e os evangélicos. Analiso essas mediações a partir do que pode ser pensado como um fundo “religioso comum” ou uma “comunidade de crenças”. Isso só foi possível porque dentre as informantes que colaboraram com esta pesquisa, havia duas que eram evangélicas e, por último, uma outra que recebia caboclos da jurema. Ou seja, ao mesmo tempo que elas diziam comungar de práticas religiosas aparentemente incompatíveis com a religião católica, continuavam a alimentar suas crenças através

de elementos religiosos do catolicismo popular, como por exemplo, a devoção aos santos. O fato dessas mulheres comungarem de crenças diferentes permitia que elas se mantivessem em um espaço fronteiriço. Essa zona de fronteira, meio ambígua, possibilitava a estas mulheres se diferenciarem das outras. Por outro lado, esse fenômeno lança questionamentos para se analisar uma crescente inserção das denominações evangélicas na sociedade, sobretudo nas camadas economicamente desfavorecidas.

Por último gostaria de enfatizar o fundo religioso comum e a comunidade de crenças que perpassam a prática das rezadeiras. Acredito que uma das contribuições deste artigo foi ter atentado para entender como outras denominações religiosas e práticas terapêuticas, como por exemplo, o pentecostalismo, o catolicismo popular e a religião católica são articuladas pelas rezadeiras para a reelaboração de suas práticas terapêutico-religiosas. Concluo entendendo que essa comunhão de crenças e saberes possibilitou realizar um cruzamento entre as diversas denominações religiosas e diversas práticas terapêuticas, tais como o padre, o pastor evangélico, os crentes, os dentistas e os médicos da cidade de Cruzeta, todos articulando-se, de uma forma ou de outra, com o universo social e o ofício das rezadeiras.